



A influência de Bacon nas críticas de Vico ao cartesianismo

Bacon's influence on Vico's criticisms of Cartesianism

Vladimir Chaves dos Santos¹

vcsantos@uem.br

Resumo: Entre os modernos, os cartesianos talvez tenham sido os mais hostis aos princípios e à tradição da arte retórica. O método cartesiano implicava a exclusão da retórica do novo mundo da ciência. Para Vico, a concepção cartesiana de ciência, baseada na certeza e na evidência racional, não poderia dar conta da complexidade do mundo humano, dominado pelo provável e pelo confuso. A arte retórica envolve um profundo conhecimento da natureza humana, que estaria sendo negligenciado por uma das principais correntes da ciência moderna. Fonte de inspiração acerca de muitos temas, a filosofia de Bacon ensina ao filósofo napolitano como usar o método tópico da retórica a serviço da ciência. Essa transferência de modelos da arte retórica para o âmbito da pesquisa científica permite a Vico elaborar uma nova ciência do mundo humano, cujo método é uma tópica das circunstâncias sociais e históricas.

Palavras-chave: retórica, tópica, ciência, método, Descartes.

Abstract: Among the moderns, the Cartesians may have been the most hostile to the principles and tradition of rhetorical art. The Cartesian method implied the exclusion of the rhetoric of the new world of science. For Vico, the Cartesian conception of science, based on certainty and rational evidence, could not fully understand the complexity of the human world, dominated by probable and confused. Rhetorical art involves a profound knowledge of human nature, which would be neglected by one of the main currents of modern science. A source of inspiration on many subjects, Bacon's philosophy teaches the Neapolitan philosopher how to use the topical method of rhetoric in the service of science. This transfer of models from the rhetorical art to the scope of scientific research allows Vico to elaborate a new science of the human world, whose method are topics of social and historical circumstances.

Keywords: rhetoric, topics, science, method, Descartes.

1 Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Maringá.

A julgar pelas primeiras páginas do *Discurso do Método*, não parece haver lugar na esfera da ciência para a “verossimilhança”, a “eloquência” e, de maneira geral, para a retórica humanista aprendida por Descartes em seus estudos escolares. Entre seus primeiros críticos também parece haver um consenso em afastar da tradição retórica a nova ciência moderna que deveria doravante orientar a busca do conhecimento. Vico é mais um crítico de Descartes, mas é de um tipo peculiar, pois reelabora conceitos fundamentais da velha tradição retórica e reivindica o valor, não só da eloquência para o discurso científico, mas também da “verossimilhança” e da “tópica” para a pesquisa científica. Pretendo aqui discutir algumas razões que teriam levado Vico a defender a validade de conceitos-chaves da retórica no âmbito da ciência, mais particularmente o método tópico, que, segundo o filósofo napolitano, consiste na arte da invenção em geral.

Neste caso, a defesa da tópica implicava a refutação do juízo de Arnauld e Nicole expresso na *Logique ou l'art de penser*, manual de lógica que tinha aos olhos de Vico uma orientação eminentemente cartesiana². Uma série de motivos são apresentados aí para se desprezar o ensino dos tópicos, na medida em que se sustenta a independência e a prioridade do juízo. A questão é que os tópicos, esses lugares comuns que servem de apoio para a busca de argumentos, pressupõem que se deva saber o que são argumentos, antes de procurá-los³; daí, a independência e a prioridade do juízo, que deve também determinar a validade e a verdade dos argumentos. Para a escola de Port-Royal, está em jogo o ideal de evidência racional e de sobriedade do estilo. Em primeiro lugar, esses lógicos cartesianos observam que ninguém usa os tópicos para encontrar argumentos; estes podem ser relacionados a alguns tópicos posteriormente, mas não são encontrados por eles, e sim pela razão natural, pela atenção e pelo conhecimento de algumas verdades. Os tópicos não são causa dos discursos, e sim as razões naturais, que são os verdadeiros ornamentos de todo tipo de discurso. A verdade não precisaria ser vestida ou aumentada; nenhum *ornatus* ou *amplificatio* seriam necessários: basta a “evidência” da necessidade lógica da demonstração. Salvo a dedução de outras verdades, qualquer outro tipo de acréscimo pode obscurecer a verdade⁴. Em segundo lugar, afirmam que a tópica não só é inútil, como é danosa ao juízo, pela abundância de argumentos demasiado genéricos. Peca-se mais por excesso do que por falta. A mente, acostumada a essa facilidade, deixa de fazer um esforço para encontrar apropriadas, específicas e naturais razões, que não são descobertas a menos que se considere o assunto atentamente. O benefício que pode derivar dos

2 Arnauld, A.; Nicole, P. *La Logique ou l'art de penser*. Paris: Flammarion, 1970, pp. 293-7; cf. Megale, C. “Vico crítico de Arnauld nel *De ratione*”, in Vanzulli, M. *Razionalità e Modernità in Vico*. Milano: Mimesis, 2012, pp. 21-31.

3 Descartes também louva as virtudes do juízo; cf. Descartes, R. “Discours de la méthode”, in *Oeuvres Complètes*. Paris: Vrin, 1965, v. VI, III, p. 27-8.

4 Veja-se essa advertência em Descartes, R. “Regulae ad directionem ingenii”, in *Oeuvres Complètes*. Paris: Vrin, 1986, v. X, IV, p. 373.

tópicos acaba inconscientemente numa tendência geral pouco útil para considerar o assunto por mais aspectos e partes⁵.

Todavia, é exatamente o cuidado com a identificação de todos os aspectos de um determinado assunto que Vico considera ser crucial para uma pesquisa científica⁶. A percepção do todo, isto é, de tudo que é inerente a um dado assunto, é justamente a tarefa da tópica. A pesquisa científica deveria ser espelhada naquela “suprema e rara virtude do discurso que se diz pleno, quando não deixa nada sem tratamento, nada que não seja usado como argumento, nada que aos ouvintes fique a desejar”⁷. Vico sugere que das mesmas fontes das quais provêm eloquentes oradores também podem sair cientistas ainda mais atentos⁸. Observar as circunstâncias seria, portanto, um requisito tão importante para a ciência, quanto o é para a retórica.

A fonte de inspiração para essa proposta de transferência de modelos desde o terreno da tradição retórica para um novo uso da ciência moderna é justamente Bacon, que, para Vico, é uma boa alternativa a ser considerada em lugar do modelo cartesiano. Um exemplo dessa transferência seria o caso do modelo retórico da *inventio*, que é remanejado em função de uma nova concepção da invenção científica. No método baconiano de invenção, Vico encontra uma revalorização da tópica, enquanto reunião de informações dominadas pelo provável⁹. Em lugar da certeza, Vico prefere afirmar a validade do verossímil para a pesquisa científica¹⁰. O verossímil é a verdade mediada pelas circunstâncias. Entra em jogo a ideia de que as circunstâncias tornam problemática a relação necessária entre as coisas, e, principalmente, nas ciências naturais, entre a causa e o efeito. Paolo Rossi chama a atenção para as afinidades entre exigências empiristas e retóricas do fim do século XVI. Tanto retores quanto “cientistas” consideram importante o conhecimento prático, o momento da inventividade, a compreensão das circunstâncias.

As duas correntes (a dos “retores” e a dos “cientistas”) têm em comum a mesma aversão para com qualquer ideal de conhecimento “perfeito” ou absolutamente autossuficiente e ambas contrapõem a um saber de tipo teológico-especulativo o valor das artes e das ciências mundanas. Para ambas as correntes o método silogístico-dedutivo da lógica aristotélica que persegue um ideal enunciativo

5 Arnould, A.; Nicole, P. *La Logique ou l'art de penser*. Paris: Flammarion, 1970, p. 297.

6 Vico, G. *De nostri temporis studiorum ratione*. Pomigliano d'Arco: Diogene Edizioni, 2014, III, p. 36, 38; VII, p. 108; idem, *De Antiquissima Italarum Sapientia*. Pomigliano d'Arco: Diogene Edizioni, 2013, VII, IV, p. 212-224; idem, “Vita scritta da se medesimo”, in *Opere*. Milano: Mondadori, 1990, p. 16-18.

7 Idem, *De nostri temporis studiorum ratione*, III, p. 36: “...summa et rara orationis virtus existit, qua ‘plena’ dicitur, quae nihil intactum, nihil non in medium adductum, nihil auditoribus desiderandum relinquit”.

8 Idem, *De Antiquissima Italarum Sapientia*, VII, IV, p. 222.

9 Rivero, E. “Introduzione”, in Rivero, E. (org.). *Leggere Vico*. Milano: Spirali, 1982, p. 12.

10 A propósito da posição contrária ao verossímil e à verossimilhança, cf. Descartes, “Discours de la méthode”, I, p. 8; VI, p. 69, 71. Acerca da rejeição dos conhecimentos prováveis, cf. idem, “Regulae ad directionem ingenii”, II, p. 363-4.

parece, portanto, inadequado. Dito ideal é considerado insuficiente diante de uma pesquisa que sublinha o momento da inventividade, que tende a prescrever operações a serem efetuadas no âmbito de um conjunto de condições presentes numa determinada situação¹¹.

Bacon teria retomado uma polêmica de Petrus Ramus contra o tratamento secundário e superficial prestado pela filosofia escolástica à arte da invenção¹². Uma das causas do escasso progresso da ciência é, para Bacon, o fato de que a arte da invenção fora negligenciada e, quando muito, tratada de modo precipitado e leviano. Bacon queixa-se também de que a filosofia escolástica cuida do juízo antes da invenção, vale dizer, ensina as regras lógicas da demonstração independentemente da matéria a ser julgada e da sua aplicação. Não faz sentido estabelecer as regras do juízo antes de se ter tratado da invenção, antes de se ter recolhido o material sobre o qual virá a ser construído o juízo. O momento mais importante do conhecimento estava sendo deixado de lado; além disso, o primado do juízo redundava em um conhecimento excessivamente discursivo e sem aplicação prática.

Bacon distingue dois sentidos do termo *inventio*: invenção dos argumentos e invenção das artes e das ciências; uma distinção entre o sentido retórico e o sentido que modernamente prevaleceu¹³. Das cinco faculdades da eloquência (a invenção, o juízo, a elocução, a memória e a declamação), duas, a invenção e o juízo, eram tradicionalmente comuns à retórica e à lógica. *Inventio* pode significar: reencontrar o já sabido, ou descobrir o que não se sabe. Essa segunda invenção é própria das artes e ciências. Uma vez que teria prevalecido na cultura clássica e medieval o sentido retórico, isto é, porque tinha força a opinião de que tudo que deveria ser descoberto já havia sido¹⁴, cabia então esmiuçar e purificar a matéria fornecida pela tradição, ou seja, julgá-la e ordená-la. Por isso, a invenção era considerada secundária, posta depois do juízo, que seria o momento mais importante do conhecimento, no qual se trata das regras que valeriam para todas as matérias. Mas o verdadeiro sentido da

11 Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*. Londrina-Curitiba: Eduel-UFPR Editora, 2006, p. 317.

12 Bacon, F. *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Unesp, 2006, livro II, cap. XIII, p.192; cf. idem, “Of the Proficiency and Advancement of Learning, Divine and Human”, in *The works of Francis Bacon*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1963, v. III, livro II, cap. XIII, p. 390; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 319. Para a crítica de Ramus à invenção aristotélica, cf. Vasoli, C. *La dialettica e la retorica dell’umanesimo*. Napoli: La Città Del Sole, 2007, pp. 510-30. A indicação dessa polêmica contra a escolástica, entretanto, desaparece na versão latina, revisada e ampliada, o *De Augmentis Scientiarum*; cf. Bacon, F. “De Dignitate et Augmentis Scientiarum”, in *The works of Francis Bacon*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1963, v. I, livro V, cap. III, p. 633.

13 Há cinco faculdades da eloquência: a *inventio* (invenção), a *dispositio* ou *judicium* (disposição ou juízo), a *elocutio* (elocução), a *memoria* (memorização) e a *pronuntiatio* (pronunciamento). A função da *inventio* é descobrir os lugares em que se pode encontrar argumentos adequados, com vistas a apresentá-los no estilo mais persuasivo. A arte empregada na ocasião da invenção dos argumentos é a tópica, a arte dos lugares comuns (*loci, topoi*), os quais podem ser: formas gerais de raciocínio; pontos de apoio para a argumentação; opiniões genéricas que relembram todos os ângulos pelos quais se pode considerar um assunto; elementos de associação de ideias; ou mesmo um reservatório de máximas ordenadas por temas.

14 Bacon, F. *O progresso do conhecimento humano*, livro I, V, p. 57-8.

invenção, para Bacon, é aquele que proporcionam as artes e ciências: a descoberta do que não se sabe. À lógica tradicional, cuja invenção é apenas a invenção dos argumentos e cujo horizonte é apenas a vitória nos debates, Bacon contrapõe uma nova lógica, que lida com a invenção de novos conhecimentos. Trata-se de uma lógica da descoberta, que permita estender o poder do homem sobre a realidade¹⁵.

A discussão sobre o valor da invenção está vinculada à avaliação da função e do alcance da arte que na tradição da retórica lhe é associada, a saber: a tópica¹⁶. Segundo Bacon, a invenção retórica vale-se de duas artes: uma *promptuaria*, isto é, uma coletânea de argumentos extremamente ampla; e uma *topica*, ou seja, uma coletânea de lugares comuns, que fornecem regras aptas para limitar o campo de busca dos argumentos, de modo que se determine um campo de discurso específico¹⁷. Apesar da distinção baconiana dos dois sentidos de invenção, os procedimentos da invenção retórica parecem lançar luz ao método científico de Bacon¹⁸. Ao que parece, o procedimento indutivo de Bacon no *Novum Organum* baseia-se na construção de tabelas e instâncias, que nada mais são do que uma coletânea de lugares naturais, que substitui a tradicional coletânea de lugares retóricos. A indução é baseada em tópicos que ordenam os fatos naturais e os reúne num grande acervo, possibilitando a procura de conexões reais. Essa tópica dos lugares naturais introduz uma ordem na multiplicidade caótica dos fatos naturais pela qual se pode reencontrar um fio capaz de conduzir a pesquisa dentro do labirinto da natureza. A invenção dos lugares naturais conduz à fonte das coisas¹⁹. À *promptuaria*, que Bacon representa como um rico guarda roupas de argumentos, corresponde o projeto de uma história natural, que reúna o máximo de informações sobre a realidade natural. Esse projeto envolve um enorme esforço coletivo de pesquisadores e seria até mais importante do que o aparato teórico das ciências; pois, sem a reunião de muitíssimas informações para a pesquisa, sem a base de um vasto banco de dados, não é possível chegar a resultados

15 Ibidem, livro II, XIII, p. 185-195; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 319, 337, 340.

16 A tópica pode ser entendida, por exemplo, como: um método de encontrar razões verossímeis sobre qualquer assunto; uma grelha de perguntas a ser dirigida a um determinado assunto para se encontrar argumentos; uma reserva ou coleção de estereótipos ou proposições repisadas; cf. Barthes, R. “Retórica Antiga”, in *A Aventura Semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1987, pp. 19-94.

17 Bacon, F. *O progresso do conhecimento humano*, livro II, XIII, pp. 192-5; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 416.

18 A presença de modelos retóricos na lógica do saber científico de Bacon verifica-se na classificação das artes intelectuais correspondentes às operações do intelecto. A razão ou intelecto descobre o que procura, julga o que descobre, retém o que julga e comunica o que retém. A essas operações correspondem a arte da inquirição ou invenção, a arte do exame ou juízo, a arte da custódia ou memória e a arte da eloquência ou tradição. É evidente o paralelo com a classificação das faculdades da eloquência; cf. Bacon, F. *O progresso do conhecimento humano*, livro II, XII, p. 185. A tópica particular serve de modelo para as tabelas do método indutivo, que realiza a invenção ou descoberta; também serve de modelo para a compilação de tabelas tendo em vista as ajudas da memória na organização da história natural; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 386-387.

19 Bacon, F. “Novum Organum”, in *The works of Francis Bacon*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1963, v. I, livro II, X-LII; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 402-5, 425.

seguros e verificados²⁰. A história natural, sendo o *promptuarium* da ciência, seu rico armazém de informações, é a base para a constituição de tabelas tópicas que ordenam os fatos para a atuação investigativa do intelecto²¹.

A função da tópica nas histórias naturais é estabelecer limites à infinidade de fatos naturais, mediante classificações sucessivas, e dirigir à natureza uma série de questionamentos. Os mesmos lugares, que servem para a ordenação e a localização das informações do acervo da história natural, fornecem um quadro de indagações, que permitem delimitar o campo de pesquisa e sinalizar quais são as perguntas que se deve fazer em relação a um dado objeto de investigação. Os lugares fornecem material para a invenção e tornam mais agudo o juízo, fazendo com que ele se concentre em um único ponto²²; eles regulam o desenvolvimento interno do pensamento. Essa arte retórica torna-se útil à ciência para interrogar a realidade natural²³. Na verdade, é útil para qualquer pesquisa, seja para evocar aquilo que já é o conhecido, seja para investigar o desconhecido; e, dentro do procedimento da indução, a tópica científica cumpre o papel de guia de pesquisas e interrogações²⁴. Bacon divide a tópica em geral e particular. A primeira é inspirada nos *Tópicos* de Aristóteles²⁵: é uma coletânea de lugares lógicos e metafísicos, mas dirigidos, não a argumentos, e sim às coisas. Está contida naquilo que Bacon chama de Filosofia Primeira, a base de todas as ciências, o receptáculo para todas as observações e axiomas úteis a todas as ciências em geral²⁶. Os tópicos particulares são lugares específicos de cada objeto de pesquisa. Eles permitem a circunscrição de ciências específicas, conforme as características peculiares da matéria a ser estudada, e impedem a aplicação imediata de um único método de pesquisa aos diferentes campos do saber. A tópica das

20 Ibidem, CXIII; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 411, 420-1.

21 Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 416-7.

22 Ibidem, 412.

23 Ibidem, 386-387.

24 “Na faculdade de saber interrogar está metade do conhecimento”, cf. Bacon, F. *O progresso do conhecimento humano*, livro II, XIII, p. 194.

25 Em Aristóteles, os *topoi* são os “lugares comuns”, os quais são imprescindíveis na dialética, vale dizer, quando se procura raciocinar, não sobre premissas inquestionáveis, mas sobre opiniões geralmente aceitas, a saber, aquelas que todos admitem, ou a maioria, ou os mais notáveis e eminentes, isto é, os filósofos. Na discussão deve-se pesquisar tudo que é disponível e pertinente ao assunto, tal como procedem, por exemplo, o orador e o médico nas suas respectivas atividades. Além de ser útil para exercitar o intelecto e para disputas casuais, a dialética é útil para a filosofia, porque a capacidade de suscitar dificuldades significativas sobre ambas as faces de um assunto (contra e a favor) permite detectar mais facilmente a verdade e o erro nos diversos pontos e questões que surgirem. E o mais importante: é útil na discussão dos pressupostos das ciências. De fato, dada uma ciência particular, é completamente impossível discutir as bases últimas dos princípios dessa ciência, a partir desses mesmos princípios, posto que os princípios são anteriores a tudo o mais. De acordo com Aristóteles, é à luz de opiniões geralmente aceitas que eles devem ser discutidos, e essa tarefa compete mais propriamente à dialética; cf. Aristote. *Topiques*. Paris: Belles Lettres, 1967, 100a30-101b5.

26 Bacon, F. *O progresso do conhecimento humano*, livro II, V, p. 136-7, VII, p. 145. Bacon indica os tópicos da quantidade, similitude, diversidade, possibilidade, como úteis a toda pesquisa científica.

ciências particulares não é perfeita nem única: depende da matéria em questão²⁷. A tópica particular responde à necessidade de que os métodos científicos devem ser concebidos em função das particularidades do objeto. Ela é a mistura da lógica geral com a matéria das ciências²⁸. Além disso, a análise dos particulares é de natureza tal que jamais é perfeita e definitiva. Cada ciência particular deve ter seu método próprio de pesquisa, e esse se aperfeiçoa à medida que as descobertas avançam. A arte da invenção progride conforme as próprias invenções se acumulem, pois o conhecimento acumulado sobre uma determinada matéria lança luz ao próprio método de investigação. As linhas de investigação da tópica não são definitivas²⁹.

Uma das soluções encontradas por Bacon para a inércia da filosofia e da ciência de seu tempo seria substituir o trabalho individual por um coletivo. É preciso estabelecer uma pauta de pesquisa e um método de trabalho coletivo. É do trabalho coletivo, e não do individual, que se pode esperar o progresso. O método de invenção de Bacon serve à observação e ao trabalho coletivo. O meio encontrado para organizar essa empresa é o recurso às tabelas de investigação. Esse método tópico a ser utilizado na pesquisa da natureza demanda um imenso trabalho de coleta de dados, que envolve um esforço conjunto, e pretende minimizar a necessidade de talentos individuais para o progresso da ciência. Esse método pretende igualar os engenhos e sobrepor-se a eles. A história natural e as tabelas de investigação são como chumbo para os engenhos, impedem seus voos para o vazio das generalidades, e põem as inteligências a operar num nível comum de sentido, que elimina a primazia dos dotes inatos. A verdade é fruto, não do talento, mas do tempo. A ciência, para Bacon, é uma obra colaborativa e progressiva³⁰.

As tabelas de investigação, porém, não são completas e exaustivas. Elas devem ser aperfeiçoadas à medida que a observação revela suas lacunas, pois o método de descoberta cresce com as descobertas. Mas como se passa da observação à inovação e à descoberta? O trabalho coletivo otimiza a observação, mas não garante a

27 Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 333, 423.

28 Bacon, F. *O progresso do conhecimento humano*, livro II, XIII, p. 195.

29 Ibidem; idem, “Novum Organum”, livro I, CXXX; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 423.

30 Bacon, F. “Novum Organum”, livro I, CIV, CXXII; cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 404-5, 418-9. Para o caráter público, democrático, colaborativo e progressivo da ciência em Bacon, cf. Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*, p. 96-98, 121-129; idem, *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 75-80; idem, *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Edusc, 2001, p. 13-4, 56-7, 82; Franco, M. S. C. “Em defesa da Universidade Pública”, in *Jornal da Adunicamp*, Campinas: Adunicamp, junho/julho, 1999, p. 1-9. Veja-se a repercussão dessa imagem democrática da ciência em Diderot, D. *Plano de uma universidade ou de uma educação pública em todas as ciências*. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 267: “[...] seria tão cruel quanto absurdo condenar à ignorância as condições subalternas da sociedade. Em todas, há conhecimentos dos quais a gente não poderia se privar sem conseqüências. O número de choupanas e de outros edifícios particulares estando para o dos palácios na relação de dez mil para um, há dez mil para apostar contra um que o gênio, os talentos e a virtude sairão antes de uma choupana do que de um palácio”.

invenção, é como se os cientistas trabalhassem numa linha de montagem, coletando informações para as tabelas. Sendo assim, quem aperfeiçoa as tabelas, isto é, o método de descoberta? Seria o diretor da pesquisa? Não basta preencher as tabelas, como uma formiga que armazena provisões, é necessário filtrar a observação e depois partir para o universal, para a teoria. É preciso inteligência para ver as lacunas das tabelas e aperfeiçoá-las.

Em Vico a relação entre a tópica e o engenho não é de nivelamento e potencialização do trabalho coletivo; a tópica serve e aguça o engenho do indivíduo. Apesar de não ser hermético, por defender a publicidade do conhecimento, e embora compartilhe do ideal colaborativo de Bacon, por acreditar na imperfeição do conhecimento humano, Vico não abre mão de que a invenção é obra, não do método, mas do engenho, não da arte, mas da natureza³¹. Em Bacon, a reforma do intelecto tem um acento democrático³². Vico, ao defender o engenho como fonte da invenção, toma uma posição aristocrática. Entretanto, essa defesa nasce do diagnóstico de que certa obsessão por métodos e a incondicional confiança depositada neles, reflexo de uma determinada orientação cultural de seu tempo, pode sufocar a criatividade natural dos homens. Em Vico, ressoam as críticas de Bacon à esterilidade das filosofias que se esgotam num formalismo lógico-abstrato, num conhecimento puramente mental e dedutivo, nem inventivo nem operativo; ecoam também a defesa da indução e da observação da natureza e dos fatos. E, como Bacon, Vico prefere a diversidade de métodos de acordo com a matéria a ser pesquisada. A unicidade do método dá a impressão de perfeição, o instrumento de descoberta deixa de ser questionado e acaba enrijecendo. Ele temia que a prioridade concedida aos métodos e critérios de juízo atrofiasse a invenção. No caso da arte crítica, isto é, da arte do juízo, essa não deveria ser um cânon, um sistema de regras a priori, mas, sim, um instrumento, dentre outros, destinado ao aumento do saber, dado ao aperfeiçoamento, e descartado quando for o caso.

A predominância da crítica e do método geométrico pode se transformar em obstáculo à invenção e à criatividade. A recusa do modelo cartesiano de ciência articula-se, em Vico, com a defesa baconiana da inventividade e de sua potencialização através da tópica. Embora o progresso das ciências não deva depender unicamente da criatividade individual, ele ainda depende até certo ponto, e por isso vale a pena investigar os modos de estimular o engenho do pesquisador.

A própria *Scienza Nuova* - a grande empreitada científica de Vico - pode ser vista como uma espécie de tópica das circunstâncias históricas e sociais³³. Deve-

31 Vide, por exemplo, o elogio ao talento de Paulo Mattia Doria para a filosofia, atribuído não ao método, mas a seu “divino engenho”; cf. Vico, G. *De Antiquissima Italorum Sapientia*, VII, IV, p. 232, 234.

32 A propósito da oposição entre método e engenho, visão democrática e aristocrática do conhecimento, cf. Franco, M.S.C. “Em defesa da Universidade Pública”, p. 6-8.

33 Vasoli chama a atenção para a relação entre os procedimentos tópicos e o gosto pela classificação, pela ordem e pela enciclopédia no século XVII, fonte de inspiração para Vico; cf. Vasoli,

se levar em consideração, entretanto, para não reduzir o pensamento de Vico e resolvê-lo na recondução pura e simples à tradição retórica humanista³⁴, que um de seus primeiros escritos já adverte que no uso da tópica às vezes surge a tendência a aceitar o falso, devendo ser ajustada pela crítica³⁵. Ainda assim prefere esse caminho à via crítica cartesiana, que na obsessão de encontrar a certeza indubitável, pretende não errar, mas também perde o universo dos verossímeis³⁶.

Vico sustenta o valor da indução e da experiência contra o racionalismo dedutivo, que parte dos simples universais para atingir os particulares; o engenho é justamente a faculdade que segue o caminho dos particulares para construir os universais. Na *Scienza Nuova*, observa-se um largo uso de fontes históricas, conforme o método do autor, que consiste em conjugar filosofia e filologia³⁷: é preciso, no seu entender, encontrar um procedimento condizente com a exigência de confirmação das teorias pela experiência³⁸.

A filosofia de Vico não justifica qualquer tipo de irracionalismo³⁹. Acontece que a racionalidade cartesiana parece-lhe demasiado excludente⁴⁰, ao passo que o engenho, pensado por ele como faculdade própria do conhecimento, seria mais bem sucedido em toda diversidade das ciências e artes. Ele queria unificar duas formas de saber que rivalizam desde a antiguidade: desde Platão e Isócrates, discípulo de Górgias, já havia o confronto de métodos educacionais e perfis de inteligência que

C. “Topica, retorica e argomentazione nella ‘prima filosofia’ del Vico”, in *Revue internationale de philosophie*, XXXIII, 1979, p. 199, 201.

34 Como parece ser o caso da leitura de Mooney; cf. Mooney, M. *Vico in the tradition of rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

35 Vico, G. *De nostri temporis studiorum ratione*, III, p. 46.

36 *Ibidem*, III, p. 30, 32.

37 *Idem*. “Principi di Scienza Nuova (1744)”, *Opere*. Milano: Mondadori, 1990, § 138, 139, 140. O reconhecimento da importância da filologia e da história remonta a uma tradição anterior a Vico. Vem pelo menos desde Lorenzo Valla: esse autor salienta mais do que nunca o quanto essas disciplinas podem auxiliar a crítica das ideias; basta levar em conta que não foram pequenas as consequências políticas da demonstração perpetrada por Valla que provou a falsidade documental da então inveterada “Doação de Constantino”, esse que é o suposto documento pelo qual Constantino teria passado todo Império Romano do Ocidente às mãos do papa Silvestre. Expondo as mais diversas contradições, tanto históricas, quanto de pensamentos e de palavras, Valla provou que esse documento, tão valioso para a igreja católica de seu tempo, foi escrito, não por Constantino, porém bem mais tarde por algum falsário, após o século VIII; cf. Valla, L. *La falsa donazione di Costantino*. Milano: Rizzoli Editore, 1994. Para a relação entre filologia e crítica em Lorenzo Valla, cf. Vasoli, C. *La dialettica e la retorica dell’umanesimo*. Napoli: La Città Del Sole, 2007, pp. 67-133. Vico leva em consideração essa função crítica e emprega filologia e história para confirmar as teorias de sua *Scienza Nuova*.

38 Vico, G. “Principi di Scienza Nuova (1744)”, § 163. Vico declaradamente segue no tocante às humanidades a mesma perspectiva indutivista que o *Cogitata et Visa* de Bacon, em relação às ciências da natureza.

39 Correm esse risco as interpretações que reduzem o pensamento de Vico ao antirracionalismo e ao anticartesianismo. Por exemplo, cf. Grassi, E. *Vico e l’Umanesimo*. Milano: Guerini e Associati, 1992.

40 Veja-se a rejeição das humanidades em Descartes, R. “Discours de la méthode”, I, p. 5-8; quanto à desqualificação da história e do provável, cf. *idem*, “Regulae ad directionem ingenii”, III, p. 367-8.

conduziam, por um lado, à ciência e, por outro lado, à eloquência⁴¹. Vico concebe um método que concilia tópica e crítica em vista de uma teoria inventiva. Nesse sentido, a *Scienza Nuova* pretende ser um contributo à comunidade científica, tanto no plano metodológico quanto linguístico. A racionalidade inventiva, para Vico, tem de enfrentar a questão da linguagem: ciência e eloquência deveriam andar juntas, pois uma requer a outra. É preciso realizar essa união: na *Scienza Nuova*, vem à tona a formulação de uma linguagem ao mesmo tempo científica e sublime, repleta de imagens vívidas e conceitos sinópticos⁴².

Ele condena o abandono das humanidades expresso nas primeiras páginas do *Discurso do Método*⁴³ e reivindica espaço para a *inventio* da retórica nas ciências. A racionalidade cartesiana, aos olhos de Vico, teria se reduzido ao juízo e ao raciocínio, critérios de verdade e ordenação de ideias, medida e ordem. Essa razão assume um caráter normativo. Em contrapartida, a criação de ideias, para Vico, seria engendrada por outras faculdades, a imaginação e o engenho.

Se é possível associar a pesquisa histórica de Vico ao método indutivo de Bacon, isso fica mais evidente e procedente em relação ao uso da tópica para a ordenação e exame dos dados recolhidos das fontes. Muito antes de sua obra prima,

41 Mooney, M. *Vico in the tradition of rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1985, preface X.

42 A propósito da linguagem sublime de Vico, cf. Luglio, D. *La science nouvelle ou l'extase de l'ordre: connaissance, rhétorique et science dans l'oeuvre de G. B. Vico*. Paris, PUF, 2003; Lollini, M. *Le Muse, le maschere e il sublime, G. B. Vico e la poesia nell'età della ragione spiegata*, Napoli: Guida, 1994; Battistini, A. *La sapienza retorica di Vico*. Milano: Guerini e Associati, 1995. Fubini, M. *Stile e Umanità di Giambattista Vico*. Milano: Riccardo Ricciardi, 1986.

43 Descartes, no começo do “Discours de la méthode”, I, p. 4-8, repassa as humanidades e diz que sabia de seus benefícios, mas que descobriria algo certo e verdadeiro. Ele assim justifica o abandono dessas disciplinas: “J’ai été nourri aux lettres dès mon enfance, et pource qu’on me persuadait que, par leur moyen, on pouvait acquérir une connaissance claire et assurée de tout ce qui est utile à la vie, j’avais un extrême désir de les apprendre. Mais, sitôt que j’eus achevé tout ce cours d’études, au bout duquel on a coutume d’être reçu au rang des doctes, je changeai entièrement d’opinion. Car je me trouvais embarrassé de tant de doutes et d’erreurs, qu’il me semblait n’avoir fait autre profit, en tâchant de m’instruire, sinon que j’avais découvert de plus en plus mon ignorance [...] Mais je croyais avoir déjà donné assez de temps aux langues, et même aussi à la lecture des livres anciens, et à leurs histoires, et à leurs fables [...] Outre que les fables font imaginer plusieurs événement comme possibles qui ne sont point; et que même les histoires les plus fidèles, si elles ne changent ni n’augmentent la valeur des choses, pour les rendre plus dignes d’être lues, au moins en omettent-elles presque toujours les plus basses et moins illustres circonstances[...] J’estimais fort l’éloquence, et j’étais amoureux de la poésie; mais je pensais que l’une et l’autre étaient des dons de l’esprit, plutôt que des fruits de l’étude. Ceux qui ont le raisonnement le plus fort, et qui digèrent le mieux leurs pensées, afin de les rendre claires et intelligibles, peuvent toujours le mieux persuader ce qu’ils proposent, encore qu’ils ne parlent que bas breton, et qu’ils n’eussent jamais appris de rhétorique. Et ceux qui ont les inventions les plus agréables, et qui les savent exprimer avec le plus d’ornement et de douceur, ne laisseraient pas d’être les meilleurs poètes, encore que l’art poétique leur fût inconnu[...] Je ne dirai rien de la philosophie, sinon que, voyant qu’elle a été cultivée par les plus excellents esprits qui aient vécu depuis plusieurs siècles, et que néanmoins il ne s’y trouve encore aucune chose dont on ne dispute, et par conséquent qui ne soit douteuse, je n’avais point assez de présomption pour espérer d’y rencontrer mieux que les autres”.

no *De Antiquissima Itolorum Sapientia*, Vico já esboçava uma tópica investigativa que deveria preparar a operação do juízo. O critério cartesiano do claro e distinto, no final das contas, pode parecer limitado ao aspecto abstrato e quantitativo, não permitindo que se examine tudo o que seria relevante em um determinado objeto de pesquisa. Para se apreender um objeto na sua totalidade, Vico propõe, então, uma grade de questões, pela qual o pesquisador deve iniciar sua investigação:

A princípio pela questão “se é”, a fim de que não se fale sobre um nada; em seguida “o que é?”, a fim de que não se discuta sobre a definição; então, “quanto é?” em extensão, peso ou número; depois, “qual é?”, e aí contempla-se a cor, o sabor, a moleza, a dureza e outras qualidades táteis; além disso, “quando nasce?”, “quanto dura?” e “em que condições se corrompe?”; e, igualmente, deve-se conferir pelas demais categorias e confrontar-se com tudo aquilo a que a coisa se liga de algum modo; vale dizer, as causas das quais nasce, ou efeitos que produz, ou a operação, ou o símile, ou dissímile, contrário, maior, menor, igual⁴⁴.

“Quando nasce?”, “quanto dura?” e “em que condições se corrompe?”, são questões postas pela perspectiva de uma epistemologia genética, fundamentais para a pesquisa histórica da *Scienza Nuova*. Especialmente nessa obra pode-se encontrar em ação procedimentos retóricos e tópicos⁴⁵. O trabalho de filologia põe em ação, de forma recorrente, os tópicos da *etimologia* e dos *coniugata*, isto é, do campo semântico. O livro que trata da *Sapienza Poetica* começa pelo tópico da *definição*, isto é, pela definição da sabedoria em seu *gênero*, outro tópico; em seguida, apresenta o tópico da *divisão* da sabedoria poética. A *sapienza poetica*, isto é, o senso comum primitivo, também é definida pelo tópico do *contrário*, vale dizer, é o contrário da *sapienza riposta*, a sabedoria refinada dos doutos das academias. Já o livro do *Corso delle nazioni*, que trata do curso das nações ao longo da história humana, consiste em uma série derivada do tópico da *espécie*, cujo resultado é uma série de esquemas,

44 Vico, G. “De Antiquissima Itolorum Sapientia”, VII, V, p. 220, 222. Badaloni atenta para as semelhanças entre essa tópica de Vico e o esquema “zetético” de Herbert de Cherbury em seu *De Veritate*. As regras da pesquisa de Vico são de tipo herbetiano e baconiano; são delimitações traçadas pela própria capacidade inventiva da mente humana; cf. Badaloni, N. *Introduzione a Vico*. Firenze: Laterza, 1988, p. 8-17, 22.

45 Para a retórica e a tópica da *Scienza Nuova* de Vico, cf. Sini, S. *Figure vichiane. Retorica e topica della ‘Scienza Nuova’*. Milano: LED, 2005. Nas *Institutiones Oratoriae*, ao tratar da arte tópica, Vico lista um conjunto de tópicos lógicos, metafísicos e gramaticais importantes para a retórica: a definição; a divisão; a etimologia; os aparentados etimologicamente (*conjugata*); o gênero; a espécie; o todo; as partes; a causa eficiente; o autor; a matéria; a forma; o fim; os efeitos; o sujeito; os adjuntos da coisa, da pessoa, do lugar e do tempo; as faculdades, as ocasiões e os instrumentos; os antecedentes; os concomitantes; os consequentes; os símiles; os dissímiles; os congruentes; os repugnantes; três gêneros de opostos, isto é, os contrários, os privativos, os contraditórios; os relativos e comparados, nos quais há os maiores, os iguais, os menores. Esses tópicos devem ser selecionados e filtrados por uma arte crítica, a fim de que se possa examinar todos os aspectos de um objeto, sem aderir a argumentos falsos, duvidosos, contraditórios, absurdos, presumidos, comuns, inapropriados, estranhos, inúteis, inconsistentes ou sofisticos; cf. Vico, G. *Institutiones Oratoriae*. Napoli: Istituto Suor Orsola Benincasa, 1995, p. 50, 52, 134-141.

cada um com três tipos de espécies em ordem de sucessão. A barbárie medieval e o direito feudal são considerados à luz do tópico do *símile*, vale dizer, são símiles da barbárie antiga e do direito romano antigo. Evidentemente, não custa lembrar que a *Tavola Cronologica*, que exhibe em uma tabela os principais fatos históricos dos antigos Hebreus, Caldeus, Citas, Fenícios, Egípcios, Gregos e Romanos, segundo uma ordem cronológica, não é senão mais um procedimento tópico. A necessidade de montar uma tabela cronológica das nações antigas origina-se do fato de que, para Vico, conhecer a natureza das nações é conhecer “seus nascimentos em certos tempos e de certas maneiras”⁴⁶, em outras palavras, conhecer o *quando* e o *como*. Por fim, admitindo-se que a filosofia cartesiana elabora uma concepção de ser humano e responde ao “Conhece-te a ti mesmo” dos gregos com a consciência e a fisiologia das paixões do eu racional, cuja natureza é sempre a mesma em qualquer tempo e lugar, gostaria de confrontar essa resposta cartesiana com uma tópica do homem social e histórico, configurando sob a forma de uma tabela alguns axiomas diacrônicos da *Scienza Nuova*, relativos às metamorfoses da humanidade ao longo da história, de modo a proporcionar uma visão sinóptica das principais transformações da natureza humana e das nações. Nesta tabela encontram-se justapostas séries progressivas e parabólicas, o que permite observar a complexidade e as ambiguidades das fases históricas, nas quais se cruzam progressos e decadências. Fica implícita aí a série que fundamenta a *tavola cronologica*, aquela mais referida e conhecida quando se trata de representar as fases históricas de Vico⁴⁷, segundo a qual, para os egípcios, toda história foi dividida em idade dos deuses, dos heróis e dos homens. Projetando-a sobre a tabela abaixo, pode-se perceber que o sentido original de representação da decadência da história entre os egípcios é redirecionado para identificar de um modo absolutamente ambíguo os movimentos de um progresso da civilização, desde o antropomorfismo religioso dos primitivos, passando pelas sociedades bárbaras baseadas no direito da força, até as sociedades civis organizadas em torno de leis universais e escritas. O resultado seria mais ou menos assim:

Mentalidade	Sociedade	Governo	Paixão	Natureza	Caráteres
sente sem advertir	selvas	Fase bestial	sente o necessário	cruel	<i>Polyfemos</i> gigantes desajeitados
adverte com ânimo perturbado e comovido	refúgios aldeias	Família	cuida do útil		
	idades	República aristocrática	adverte o cômodo	severa	<i>Aquiles</i> magnânimos orgulhosos
reflete com mente pura	academias	República popular	deleita-se no prazer	benigna	<i>Aristides e Cipiões</i> valorosos e justos
		Monarquia	dissolve-se no luxo	delicada	<i>Alexandres e Cesares</i> glória, grandes virtudes e vícios
			enlouquece e destrói as substâncias	dissoluta	<i>Tibérios</i> tristes reflexivos
					<i>Calígulas, Neros e Domitianos</i> furiosos, dissolutos e descarados

Referências bibliográficas:

- Aristote. *Topiques*. Paris: Belles Lettres, 1967.
- Arnauld, A.; Nicole, P. *La Logique ou l'art de penser*. Paris: Flammarion, 1970.
- Bacon, F. *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Unesp, 2006.
- . “Of the Proficiency and Advancement of Learning, Divine and Human”, in *The works of Francis Bacon*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1963, v. III.
- . “De Dignitate et Augmentis Scientiarum”, in *The works of Francis Bacon*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag, 1963, v. I.
- Badaloni, N. *Introduzione a Vico*. Firenze: Laterza, 1988.
- Barthes, R. “Retórica Antiga”, in *A Aventura Semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- Battistini, A. *La sapienza retorica di Vico*. Milano: Guerini e Associati, 1995.
- Bobbio, N. *A teoria das formas de governo*. Brasília: UNB, 2000.
- Descartes, R. “Discours de la méthode”, in *Oeuvres Complètes*. Paris: Vrin, 1965, v. VI.
- . “Regulae ad directionem ingenii”, in *Oeuvres Complètes*. Paris: Vrin, 1986, v. X.
- Diderot, D. *Plano de uma universidade ou de uma educação pública em todas as ciências*. São Paulo: Perspectiva, 2000
- Franco, M.S.C. “Em defesa da Universidade Pública”, in *Jornal da Adunicamp*, Campinas: Adunicamp, junho/julho, 1999.
- Fubini, M. *Stile e Umanità di Giambattista Vico*. Milano: Riccardo Ricciardi, 1986.
- Grassi, E. *Vico e l'Umanesimo*. Milano: Guerini e Associati, 1992.
- Lollini, M. *Le Muse, le maschere e il sublime, G. B. Vico e la poesia nell'età della ragione spiegata*. Napoli: Guida, 1994.
- Luglio, D. *La science nouvelle ou l'extase de l'ordre: connaissance, rhétorique et science dans l'oeuvre de G. B. Vico*. Paris: PUF, 2003.
- Megale, C. “Vico critico de Arnauld nel *De ratione*”, in Vanzulli, M. (org.). *Razionalità e Modernità in Vico*. Milano: Mimesis, 2012.
- Mooney, M. *Vico in the tradition of rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- Riverso, E. “Introduzione”, in Riverso, E. (org.). *Leggere Vico*. Milano: Spirali, 1982.
- Rossi, P. *Francis Bacon, da magia à ciência*. Londrina-Curitiba: Eduel-UFPR Editora, 2006.
- . *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- . *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Edusc, 2001.
- Sini, S. *Figure vichiane. Retorica e topica della 'Scienza Nuova'*. Milano: LED, 2005.
- Valla, L. *La falsa donazione di Costantino*. Milano: Rizzoli Editore, 1994.
- Vasoli, C. *La dialettica e la retorica dell'umanesimo*. Napoli: La Città Del Sole, 2007.
- . “Topica, retorica e argomentazione nella ‘prima filosofia’ del Vico”, in *Revue internationale de philosophie*, XXXIII, 1979
- Vico, G. *De nostri temporis studiorum ratione*. Pomigliano d'Arco: Diogene Edizioni,

2014,

----- . *De Antiquissima Italarum Sapientia*. Pomigliano d'Arco: Diogene Edizioni, 2013.

----- . "Vita scritta da se medesimo", in *Opere*. Milano: Mondadori, 1990.

----- . *Institutiones Oratoriae*. Napoli: Istituto Suor Orsola Benincasa, 1995.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.